

STAR CRAFT III



BILZARD
ENTERTAINMENT

“Sonhos Despertos”

Stone sabia quem estava do outro lado antes mesmo de a porta se abrir.

Ele tinha ouvido as explosões e os tiros, os relatos desesperados dos Defensores do Homem falando que uma fantasma tinha se infiltrado no complexo da General Carolina Davis, o silêncio gritante dos comunicadores à medida que os combatentes sucumbiam... O alvo da agente da Supremacia só podia ser um: a general — e Stone era a última linha de defesa.

A General Davis e os Defensores do Homem eram a esperança da humanidade contra alienígenas como os zergs e protoss. Haveria coisa mais digna pela qual lutar? Pela qual morrer? Stone tinha passado a vida treinando para ter uma chance de dar tudo para proteger quem não podia. Ele estava pronto. E não iria — não poderia — decepcionar.

Uns poucos fantasmas tinham trucidado uma guarnição dos Defensores. A porta do escritório externo de Davis se abre, e Stone sente uma energia psiônica poderosa — e familiar —, e seu coração se enche de decepção e temor.

Agente X41822N. November “Nova” Terra.

De onde estava, camuflado, Stone observa Nova entrar na sala enorme, cuidadosamente, de arma em punho. Ela faz uma pausa diante da imponente estátua do Imperador Arcturus Mengsk, logo à direita de Stone. Então, ela faz uma varredura no ambiente e descobre que tem alguém ali. Ela sabe que é Stone.

Ele devia atacar primeiro, usar a nesga de surpresa que tinha — contra ela, toda vantagem é bem-vinda. Mas, no passado, ele confiaria a Nova sua própria vida. Ela foi quem chegou mais perto do que Stone chamaria de “amiga”. Ele quer tirar satisfações.

E está com raiva.

“Eu sabia que veria você de novo”, disse ele.

Ela marca a posição de Stone. Ele desliga o escudo para ela poder vê-lo... e ver o rifle comando que ele está portando. Nova estreita os olhos.

“Stone... O que aconteceu?”, pergunta ela.

“Você me abandonou e se aliou à Supremacia para assassinar seus antigos companheiros. Pelo visto, eu sou o próximo.”

“Eles alteraram suas lembranças. Esse não é você.”

Ela sonda a mente dele, tentando ler os pensamentos.

“Nós somos quem escolhemos ser... E você escolheu isso.” Stone é forte, mas ela é mais. E não vai conseguir bloquear a telepatia dela por muito tempo. Ele atira.

Nova se protege atrás de um dos dois Lobos de Korhal esculpidos que ladeavam a estátua de Mengsk, do outro lado da sala — eram a marca da família e o símbolo do regime.

Stone sabe muito bem que esta é uma batalha pela própria vida, mas a única vida que importa é aquela que ele jurou proteger. Ele tem que impedir Nova de chegar à General Davis.

No campo de batalha, Stone estava acostumado a enfrentar humanos normais. Ainda que bem treinados e bem equipados, não eram páreo para as habilidades psiônicas de um fantasma e menos ainda para uma das mais avançadas tecnologias já criadas: o traje

antinuclear. O traje permite que Stone canalize seu poder psiônico, ampliando força e agilidade, ficando praticamente invencível.

Mas Nova também tem um traje, e o índice psiônico dela é 10... contra 7 de Stone. Uma luta entre dois fantasmas de poder e habilidade semelhantes é coisa rara. É mais uma partida de xadrez do que um ataque total — um jogo de estratégia, resistência e imprevisibilidade. Stone já treinou com Nova. Já a viu em ação contra um inimigo em comum.

Ele vai precisar de muita sorte.

Stone ativa o reator de fase experimental do traje e se teleporta para trás dela — ou melhor, para trás de onde ela estava um segundo antes. Ela some assim que ele faz a translação, já atirando. Será que ela simplesmente saiu rápido, camuflada, ou será que conseguiu tecnologia de teleporte experimental? Stone sente que ela está tentando invadir a consciência dele mais uma vez. Este confronto vai exigir tanto força de vontade quanto força bruta.

“Você era a melhor de nós, Nova. Por que nos traiu?”, bradou ele.

“Foi ideia sua, na verdade.”

“Mais mentiras!” Ele percebe um movimento no canto do olho, gira e dispara. Erra. Mas ela não. Um golpe por trás quase o faz perder o equilíbrio. Enquanto ele se vira, ela some.

E assim vai. Stone consegue dar uns tiros, mas faz mais estrago na sala do que em Nova. A cada translação, ele tenta achar uma brecha para atacar, porém ela sempre parece estar um passo à frente, aproveitando o ambiente para escapar dos tiros e atacar ele.

Ele está ficando cansado. E mesmo assim... ela parece estar pegando leve. Ele sabe do que ela é capaz. Já era para ele estar morto se esse fosse o objetivo. Ou seja: ela não quer matá-lo. E ele não consegue entender por quê.

Isso não está acontecendo, *pensa consigo mesmo*. É uma lembrança. Ou um sonho.

Subitamente desorientado, Stone perde o rastro de Nova. Instantes depois, ele sente outra pancada — e perde a consciência.

#

Stone voltou a si lentamente, mas, uma vez desperto, as memórias voltaram rápido, inundando sua mente com imagens e um turbilhão de emoções.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi: *Lamento, General*.

A segunda e a terceira foram: *Onde diabos eu estou? E por que não morri?*

Seus olhos se abriram, sofrendo para lidar com a luz fraca do ambiente. Stone já tinha familiaridade suficiente com enfermarias, especialmente pelo cheiro forte de desinfetante. Ele estava sem capacete e sem o traje, o que lhe dava uma sensação de estar exposto. Vulnerável.

Foi então que sentiu a primeira onda de dor. Uma dor de cabeça latejante, pressionando a parte interna dos olhos. Ele tentou passar a mão na cabeça, mas os braços estavam presos às laterais. As pernas estavam amarradas também. O ombro estava queimando, provavelmente era uma lesão no manguito rotador. Sentia dor pelo corpo inteiro, como se estivesse coberto de hematomas.

Mas o desconforto físico não era nada comparado à tremenda sensação de fracasso. Era para ele proteger a General Davis. Em vez disso, ele acabou sendo capturado pelo inimigo. Será que a general também foi?

Mas, lá no fundo do cérebro dele, pairava uma questão que contaminava tudo: por que nova tinha pegado leve com ele?

Uma lembrança emergiu. Ele ajudando Nova a escapar de uma base em Sharpsburg. Uma perseguição em alta velocidade com abutres numa rodovia.

Mas essa missão nunca aconteceu. Nova era uma traidora dos Defensores. Era o inimigo.

Isso quer dizer que ele agora estava nas mãos da Supremacia. Tinha que dar um jeito de sair dali. Primeiro, porém, precisava descobrir onde era “ali”.

Stone virou a cabeça para ver o máximo possível do entorno. Havia um leito hospitalar à direita, desocupado recentemente a julgar pelos lençóis bagunçados. Um terminal de diagnóstico à esquerda. Pelo colchão fino, sentia o leve tamborilar de tecnologia em funcionamento e concluiu que estava numa nave. Outra lembrança surgiu, a história “O Príncipe e o Pedregulho”.

Como acontecia com o resto da vida dele, ele só lembrava partes do conto, mas era sobre um jovem príncipe que ficou entediado com a vida palaciana e fugiu para explorar a cidade sozinho. Rapidamente, juntaram-no com outros jovens da cidade para ser alistado forçosamente. Ele seria levado para a linha de frente de uma guerra qualquer que estava sendo travada na época e, diante da perspectiva da morte, confessou que era filho do imperador e exigiu voltar ao palácio. Ninguém acreditou, porque o imperador não anunciou que o filho estava desaparecido.

No entanto, uma general sábia decidiu testar o que o rapaz dizia. Na véspera da grande batalha, ela convidou o suposto príncipe — vestido em armadura — para um chá. Ela mandou-o sentar numa almofada macia em frente a ela. Então, interrogou o rapaz

sobre o imperador e sua vida de príncipe, mas ele tinha dificuldade de responder por estar o tempo todo fazendo caretas, se contorcendo e se ajeitando no assento. Nem sequer tocou o chá.

“Qual é o problema?”, indagou a general.

“Esta deve ser a almofada mais desconfortável do império!”, exclamou o garoto, jogando de lado a almofada. Então descobriu que havia um pedregulho embaixo. A general aplaudiu. “Você é quem diz ser”, afirmou ela. “Só um príncipe seria sensível a ponto de estar de armadura e ainda sentir um pedregulho embaixo de uma almofada”. E assim a general salvou a vida do príncipe. E a dela também.

Que estranho. Contos de fada não faziam parte do treinamento do Programa de Fantasma, e Stone tinha crescido na Academia de Korhal, pelo menos até onde se lembrava. Então, onde foi que ele tinha ouvido aquela história, e por que sentiu uma perda dolorosa ao se lembrar dela?

Stone estava longe de ser um príncipe, mas as lembranças eram como o pedregulho: dava para sentir *alguma coisa* por baixo de todas as camadas de programação, reprogramação e memórias implantadas ao longo dos anos, mas ele não sabia o quê. A verdade era uma sensação incômoda fustigando sua mente.

Stone tentou sentir a presença de Nova pela telepatia. Se ela estivesse naquela nave, talvez a General Davis também estivesse.

“Nova!”, chamou ele mentalmente, mas ainda desgastado demais para conseguir reunir forças. Na verdade, a única coisa que ele tinha condições de fazer era manter os olhos abertos.

Então, uma voz o colocou em alerta de novo.

“Bem-vindo de volta, Agente Stone.”

Era uma voz rouca e reconfortante, mas cuidadosa. Stone passou os olhos em redor, esforçando-se para se focar o máximo possível e achar a fonte da voz. Mas então uma pessoa entrou no campo de visão dele: um homem negro, careca, de ombros largos e braços cibernéticos. Ele analisou Stone como se fosse uma cobaia de laboratório.

“Quem é você? Onde estou?”

“Eu sou um amigo”, respondeu o homem.

“Eu não conheço você.”

“Meu nome é Reigel. Eu trabalho com Nova. Então, na verdade, mais um amigo de uma amiga. Mas ela me pediu para cuidar bem de você.”

Embora tivesse uma feição um tanto reservada e clínica, Reigel tinha bondade nos olhos. A voz dele era suave e cadenciada, a fim de sossegar Stone.

Stone puxou as amarras. “É isso que você chama de cuidar bem?”, retrucou ele.

“É uma precaução para o seu próprio bem”, disse Reigel inclinando a cabeça. “E, claro, para a segurança da tripulação.”

“Então, estamos *mesmo* numa nave”, disse Stone para si mesmo.

A expressão de Reigel não mudou. *Vamos ver se ele revela alguma coisa*, pensou Stone.

“Eu sou prisioneiro?”, perguntou Stone forçando de novo as amarras. Com o traje, ele teria rasgado como se fosse papel. Elas estavam começando a ceder, mas não seria rápido.

Reigel andou lentamente em torno da cabeceira da cama de Stone com um escâner médico nas mãos. Stone acompanhou com os olhos, puxando discretamente as amarras.

“Só no sentido de que você é prisioneiro da sua própria cabeça”, disse Reigel. “Sua memória foi alterada.”

“Ou seja, só mais um dia normal.”

“Você não trabalha para os Defensores. Nunca trabalhou. Você, Nova, Delta e Pierce estavam infiltrados. Você ajudou Nova a escapar do complexo deles, mas foi capturado durante a fuga. Aí Carolina Davis usou você, provavelmente esperando pegar Nova desprevenida.”

“Delta e Pierce”, balbuciou Stone. “Eles estão bem?”

“Estão vivos.”

“Em geral, esse é o melhor cenário para nós”, respondeu Stone.

Outra lembrança lhe invadiu a consciência: ele lutando para abrir caminho num complexo de Defensores. *Será que isso aconteceu mesmo?*, questionou.

Stone abanou a cabeça. Importava se aquelas lembranças eram reais? Ou quem as programou? Stone era uma arma e, àquela altura, ele já tinha servido a muitos senhores. Não tinha condições de organizar tudo isso. A vida era muito mais simples quando ele simplesmente seguia ordens. Quando ele não precisava lidar com lembranças do que tinha feito ou consequências das ações dele.

Stone tentou matar Nova. Se ela realmente fosse amiga dele, isso seria uma vergonha, ainda que não fosse culpa dele. Pelo menos, ela tinha conseguido neutralizá-lo sem matar ou machucá-lo... muito. Ele não teria tido a mesma consideração com ela.

“Dá para limpar minha mente?”, perguntou Stone.

“Não dá. Ainda não.”

É isso, pensou Stone. Se eles poderiam apagar a mente dele, mas não queriam, havia algum motivo. Estavam escondendo alguma coisa. Não dava para ele acreditar em nada do que aquele homem falasse.

“Nova me pediu para esperar. Para não fazer nada antes de ela falar com você. Sem falar que você levou um tiro, foi atacado física e psionicamente. Acho que, por enquanto, já basta tudo que você passou, não acha?”

“Isso, pode tripudiar”, disse Stone. As amarras dos braços estavam mais folgadas agora.

“Eu só estou dizendo que você está fraco e tendo que lidar com memórias fragmentadas. Descanse. Nova vem falar com você depois da missão.”

Missão? O que será que eles estariam fazendo depois de invadir o complexo da General Davis?

Devem entregá-la à Supremacia, pensou Stone. Tinha que ser isso, o que fazia com que ele tivesse ainda mais certeza de que Reigel estava mentindo. Eles queriam que Stone ficasse desprevenido até poderem entregá-lo à Supremacia também.

Stone suspirou. “Tem razão. Estou... cansado.”

Reigel se aproximou, olhando seu rosto de perto. Mas Stone era bom de mentira, porque conseguia esconder as emoções e os pensamentos. No entanto, não era suspeita que havia no rosto de Reigel: era preocupação. Ele realmente parecia se preocupar com o bem-estar de Stone.

Talvez Reigel também fosse bom de mentira. Ele claramente tinha passado dificuldades na vida — como a maioria dos que serviam à Supremacia. Se era um

sobrevivente, Reigel certamente era esperto. Duas características que tornavam um inimigo bem perigoso.

“Eu posso dar alguma coisa para ajudar você a dormir”, ofereceu Reigel.

Stone fechou os olhos. “Não precisa.” Ele se concentrou em manter a respiração lenta e constante. Assim que ouviu a porta da enfermaria abrir e fechar, ele continuou a forçar as amarras dos braços.

Deve ter levado cerca de uma hora ou mais de esforço, mas ele finalmente afrouxou o suficiente para livrar o braço esquerdo, depois o direito. Ele se sentou e agarrou os grilhões das pernas. Fechou os olhos, travou a mandíbula e puxou com toda a força. O metal rangeu, e um lado arrebentou.

“Anda!”, bradou ele, puxando.

E ele se libertou.

Stone recuperou o fôlego. Todo mundo naquela nave estava ocupado com a missão, então estariam distraídos. Era o melhor momento para achar a General Davis e roubar um módulo para fugir. Ou melhor: tomar a nave e entregar a tripulação aos Defensores. Talvez ainda desse tempo de compensar o fracasso em Vardona.

Stone saltou da cama e se segurou de pé. A sala toda pareceu girar, e a vista dele ameaçou escurecer. Ele tentou se apoiar na beira da cama.

Mas errou.

As pernas dele cederam, e o chão veio direto na cara dele. Stone apagou antes mesmo da batida.

#

Stone acordou sobressaltado. Estava coberto de suor, com o coração disparado pela adrenalina que circulava no corpo.

A sala estava escura, a não ser pela estrelas que passavam lá fora, visíveis pela janela à direita dele. Ele não estava mais na enfermaria. Ele se sentou, mais devagar desta vez — não havia amarras. O nariz estava latejando, mas não estava quebrado.

“Essa foi constrangedora”, soltou ele em voz alta. “Gravidade artificial, um; Stone, zero.”

A voz dele soou distante, como se apartada dos pensamentos. Ele afastou o sono e os sonhos perturbadores que pareciam tão vívidos quanto lembranças.

Uma cidade tomada por zergs selvagens. Eram tantos... Nova e ele teriam sido mortos se os Defensores do Homem não os tivessem salvado na última hora.

Salvado? Ou capturado?

Nova termina de instalar o dispositivo antizergs que o carcereiro tinha dado a eles.

“Os chefões da Supremacia não disseram que os ataques de zergs ferais não eram mais uma ameaça? O que será que mudou?”, indaga Nova. Ela recua e olha para o dispositivo aparentemente inócuo. O núcleo amarelo pulsa de forma intermitente, quase hipnotizante.

“Deve ser algo importante. Equipamento de segurança desse nível custa muito tempo e dinheiro”, diz Stone.

Quando se trata de defesa militar, os governos não poupavam recursos. O Programa de Fantasmas talvez fosse o melhor exemplo da disposição deles de investir no jogo de longo prazo: criar e treinar gente com habilidades psíquicas, como Stone, levava uma vida, sem falar na tecnologia necessária para controlar e o equipamento caro usado

para potencializar as habilidades e proteger esse pessoal. Stone subitamente sente uma estranha afinidade com a máquina que jaz aos pés deles.

“Se funcionar como Maxwell disse, esse equipamento vai ser de grande ajuda em campo. Por que ninguém nos contou a respeito?”, pergunta Nova.

“Talvez um deslize... ou então estão mentindo para nós. Mas eu não gosto, seja como for.”

“Eu preciso saber mais. Tem alguma coisa estranha nisso tudo”, conclui Nova.

Essa era uma das muitas diferenças entre Nova e ele: Stone segue ordens, enquanto ela nunca para de questionar. Ele pode até ser criativo na forma como executa essas ordens, se isso for salvar vidas inocentes, mas ele nunca agiria por conta própria.

Em termos de qual postura pode levar à morte mais rápido, as duas se equivalem.

Nova Andasar, pensou subitamente Stone. A cidade tinha sucumbido à invasão dos zergs, mas ele não se lembrava de ter estado lá — até agora. Parecia tão óbvio. E ele não tinha só estado lá: Nova e ele tinham *provocado* o ataque dos zergs.

Equipamento de segurança suficientemente avançado para neutralizar zergs selvagens... Parecia bom demais para ser verdade. Mas Stone nunca imaginou que os Defensores do Homem se utilizariam dele para plantar emissores psi para atrair zergs a Antiga Prime, sem o conhecimento da Supremacia. Por ordem da General Davis.

Stone apertou os olhos. Não, a Supremacia estava bagunçando a cabeça dele. Queriam que ele pensasse que os Defensores eram o inimigo. Devem tê-lo reprogramado enquanto ele dormia, apesar de Reigel ter garantido que não faria isso.

Stone saiu da cama e testou o equilíbrio e a força. Fisicamente, ele se sentia bem. Era a mente que estava abalada. Ele seguiu imediatamente para a porta. Nenhuma surpresa no

fato de que estava trancada. Ele acendeu as luzes e deu uma olhada ao redor. As acomodações de visitantes eram austeras, desprovidas de mobília, a não ser pela cama de solteiro e uma mesinha com uma tela e uma cadeira de metal. Sem personalidade, sem nada de útil.

Stone sentou-se na cadeira e ativou a tela. Estava restrita ao modo leitura, então não havia como ele descobrir nada sobre a nave em que estava nem tentar estabelecer contato com os Defensores do Homem para buscar ajuda. Mas ele podia se informar sobre o que estava dando no noticiário.

E tinha muita coisa acontecendo. Não demorou para ele recuperar o tempo perdido. As manchetes contavam tudo.

“General Carolina Davis identificada como líder dos Defensores e presa”

“Defensores do Homem acusados dos ataques dos zergs”

“Tal’darim ataca Vardona, Davis escapa da custódia”

“Davis está morta”

Stone ficou olhando a manchete, em choque. Era tarde demais.

Ele passou a vista na matéria, mas havia poucos detalhes. Durante o ataque da Frota da Morte dos Tal’darim a Vardona, a General Davis assumiu controle da *Medusa* e escapou para uma base secreta dos Defensores do Homem no Estaleiro de Cerros. Houve uma escaramuça entre as forças dela e Górgonas da Supremacia — e Davis teria morrido em combate. Parte das informações devia ser confidencial, mas Stone achou que estavam escondendo a verdade.

Nova, pensou ele, olhando de novo para as estrelas lá fora. Não havia como descobrir para onde estavam indo, mas ele apostaria seu salário de olhos fechados que os Cerros

estavam no encalço deles. A notícia tinha sido publicada naquela manhã, e Reigel tinha falado numa missão.

Ele deveria estar lutando ao lado da general. Deveria ter sido mais competente na proteção dela.

Stone empurrou a tela, enojado. Em quais partes da notícia dava para acreditar? Sob o regime da Supremacia, falsificar notícias era tão fácil quanto falsificar lembranças.

Ele levantou e começou a andar pelo cômodo. Era preciso escapar dali e tomar controle daquela nave. Olhou para a porta, cogitando se conseguiria arrombá-la.

Se eu sou prisioneiro, deve ter alguém vigiando o quarto. Seria mais difícil lutar contra a suposta guarda depois de gastar forças tentando arrombar a porcaria da porta. Então, ele decidiu tentar outra tática.

Ele bateu.

Instantes depois, a porta deslizou e apareceu um homem branco vestindo regata e calças militares: Agente X20991N, Theodore Pierce. O outro fantasma sorriu, mas com precaução nos olhos. Pierce fez uma rápida varredura visual, avaliando Stone, enquanto este fazia o mesmo. Ele estava pronto para tudo — ou pelo menos achava que sim.

“Pierce”, disse Stone.

“E aí, Stone? Que bom ver você de pé de novo. Como está?”

“Já estive melhor. Mas estou começando a voltar ao normal.” *Seja lá o que isso quer dizer*, acrescentou Stone mentalmente, enquanto reunia forças psiônicas para impedir que Pierce usasse telepatia nele. Felizmente, a habilidade psi de Pierce era menor que a dele. Se mantivesse suas defesas de pé, Pierce só descobriria o que ele estava pensando ou planejando quando já fosse tarde.

Pierce parecia estar no auge da condição física, mas Stone tinha a vantagem de ser tanto de uma categoria mais pesada quanto de ser mais jovem. Num dia bom, Stone poderia usar sua resistência para superar Pierce, como geralmente fazia nos treinos. Mas Pierce tinha uma pistola no coldre... e aquele dia estava longe de ser bom.

Nas condições precárias em que estava, ainda se recuperando do embate com Nova, Stone não teria chance, principalmente sem traje. Ele teria que ser mais esperto e usar o conhecimento que tinha de Pierce para levar vantagem.

“Fico feliz que esteja bem”, disse Stone. “O que foi aquilo lá?”

Pierce entrou, fechou a porta e se encostou nela. “O mesmo de sempre. Os Defensores nos usaram. A General Davis enganou a Supremacia — você e Nova — para colocar zergs em Antiga Prime. Ela estava o tempo todo do lado dos Defensores. Era uma traidora. Quando Nova descobriu e Valerian foi atrás dela, Davis nos reprogramou, fazendo você, eu e Delta pensar que éramos Defensores leais para protegê-la.”

Stone assentiu com a cabeça. “Você se lembra disso tudo sozinho ou eles reprogramaram você com essas lembranças?”

Pierce passou a mão pelo cabelo curto e suspirou. “Nenhum dos dois. Nova e Reigel me explicaram o que aconteceu quando me trouxeram a bordo.”

“E você simplesmente... acreditou neles?”

“Eu acredito. É a única coisa que faz sentido para mim, considerando tudo que sei. A Supremacia nos resgatou, Stone. Na verdade, as coisas mudaram para nós, para todos os fantasmas. O Imperador Valerian retificou os termos do Programa de Fantasmas quando nós desaparecemos: nossa memória não será mais apagada ou substituída sem permissão. Agora temos mais liberdade.”

Stone estava perplexo e um tanto horrorizado com a ideia, que minava a própria base do Programa de Fantasma — ou seja, tudo que ele conhecia. “Liberdade para quê?”

“Liberdade de escolha.”

Stone cruzou os braços. “Isso é bem difícil de absorver.”

“Só o fato de nós estarmos tendo essa conversa já prova a sinceridade deles.

Finalmente temos algum controle em relação a quem servimos e ao que fazemos.”

“Talvez”, disse Stone, sentido que Pierce sondava a mente dele. Em vez de bloquear imediatamente, o que levantaria suspeitas, ele se concentrou em fragmentar seus pensamentos, escondendo parte deles para Pierce aceitar o que ele dizia. “E Delta? Ela também acredita nessa história?”, indagou Stone.

“Delta...”, começou Pierce baixando os olhos. “Não. Ela não aceitou no começo. Quando subimos a bordo, ela pediu para apagarem a mente dela.”

Stone inspirou fundo. “Que baita liberdade de escolha.”

“Mas foi ela quem escolheu isso. Sempre haverá fantasmas que não conseguirão lidar com o que exigem de nós — encarar o que nós já fizemos. Dizem que a ignorância é uma bênção. Abrir mão de certas lembranças pode ser uma bênção, não acha?”

Stone bufou.

“A limpeza da mente é só uma ferramenta, como uma arma”, prosseguiu Pierce.

“Ou um fantasma”, completou Stone.

“Fica a cargo das pessoas que estão usando, se usam para o bem ou o mal. Eu sei que é muita coisa para absorver. Você é mais teimoso que eu. Mas estou aqui para ajudar... no que precisar.”

“OK”, falou Stone respirando fundo e expirando lentamente. “OK, então me ajude. Eu quero entender. Estamos numa nave da Supremacia?”

“O nome dela é *Griffin*. Mas não é exatamente da Supremacia, não.”

“Como é que é?”

“Tecnicamente, estamos... sem filiação no momento.”

“Se a *Griffin* não faz parte da frota da Supremacia e não é uma nave dos Defensores, a quem ela serve então?”

“Nova Terra.”

A sobrancelha de Stone se ergueu. Pierce sorriu, como se já esperasse aquela reação e estivesse achando divertido.

O que diabos foi que eu perdi? Aposto que tem história por trás disso. Ele deixou que Pierce recebesse seus pensamentos — era normal que houvesse alguma confusão, Stone não precisava nem fingir. “Mas Nova não trabalha para Valerian?”

“É complicado”, disse Pierce. “Você não faz ideia.”

“Complicado... Bom, e como é que nós ficamos, então?”

Stone tinha passado a vida inteira a serviço de alguém. Os regimes iam e vinham, mas o Programa de Fantasma permanecia, mudando ligeiramente a depender de quem estivesse no poder.

Pierce abriu os braços. “Temos uma chance de começar do zero. Valerian disse que até podemos sair do programa se quisermos.”

Sair do Programa de Fantasma? Isso nunca tinha sido possível. Ninguém sequer teria cogitado uma coisa assim. Se fosse verdade... ele sairia? A vida inteira, desde suas

primeiras lembranças, Stone tinha sido somente um fantasma. Ele foi criado pelo programa. Ele *era* o programa. O que é que ele faria sem isso?

Stone franziu o cenho. Pierce tinha escorregado. Tinha ido longe demais ao alegar que o Programa de Fantasmas tinha praticamente acabado. Talvez estivessem dizendo o que ele queria ouvir para tirá-lo de tempo. Ele ainda não entendia qual era a deles, o que esperavam dele.

Seria um teste de lealdade? Agora que tinham se livrado da General Davis, talvez estivessem fazendo uma faxina. As habilidades psi dele eram tão fortes que às vezes apagar a mente e ressocializar não bastava. Já tinha dado problema antes, e era por isso que a mente dele estava tentando reorganizar fragmentos de lembranças desconexas agora.

A verdade sempre está escondida em algum lugar, basta ir descascando até encontrar o cerne. Ou pelo menos partes da verdade, talvez até lembranças da breve vida que levou antes do Programa de Fantasmas. Uma vida e uma família que ele nunca conseguiu relembrar.

Sempre foi assim. A memória dele era cheia de lacunas, faltavam momentos e situações. E as partes que não faltavam... bom, ele nunca sabia se eram reais ou não.

Então, se Reigel e Pierce estivessem mentido para ele agora, escondendo alguma coisa, talvez houvesse um motivo. Nova não quis matá-lo no esconderijo de Davis. Então, se não podiam reprogramá-lo, nem apagar a mente dele, nem matá-lo... é porque queriam alguma coisa dele.

Ele devia ter alguma informação que queriam e não podiam correr o risco de perder. Até que enfim alguma coisa fazia sentido.

Tudo que Stone tinha visto e ouvido desde que acordou naquela nave era suspeito. O que significava que talvez a General Davis ainda estivesse viva.

Bom, ele não descobriria a verdade sentado ali, batendo papo com um velho “amigo”.

Ele viu um movimento com a visão periférica. Pierce colocava a mão na arma. Stone reclamou consigo mesmo: agora *ele* é que tinha escorregado, deixando a proteção cair o suficiente para outro fantasma detectar suas suspeitas e sua paranoia crescente.

“Stone, você está bem?”, perguntou Pierce com voz tensa.

É agora, pensou Stone.

“Só estou um pouco...”, disse ele balançando a cabeça. “Tonto? Seria melhor chamar Reigel.” Stone virou as costas para o outro e fingiu cair para frente. Pierce, com reflexos bem treinados, avançou e agarrou Stone com os braços.

Stone fingiu que tentaria pegar a arma de Pierce, contando com o fato de que este já esperava isso, tendo lido a mente dele, mas Stone não queria a arma, só queria cuidar para que Pierce não a pegasse primeiro. Na hora que Pierce se desvencilhou e tentou pegar a pistola, Stone agarrou o antebraço dele e torceu, forçando Pierce a girar por sobre o ombro.

Pierce caiu com todo o peso sobre as costas. Ele perdeu o fôlego, mas já estava se recuperando quando Stone pegou o único móvel que não estava preso no chão — a cadeira — e bateu com ele na cabeça de Pierce.

Pierce rolou para o lado, e a cadeira errou o alvo e se quebrou. O impacto reverberou nos braços de Stone. Ele cerrou os dentes, segurando o que restou da cadeira: o encosto e

as pernas de trás. Ele sopesou os cassetetes de metal improvisados. Já davam para o gasto.

Num movimento contínuo, Pierce se colocou de pé, já com a arma em punho.

“Não faça isso”, disse Pierce.

“Já estamos fazendo.”

“Por quê? Eu não sou seu inimigo. Estamos tentando *ajudar* você.” Enquanto falava, Pierce mandava as palavras direto para a mente de Stone, como se isso fosse fazer ele acreditar.

“É nessa parte que eu não acredito”, disse Stone investindo contra Pierce.

Pierce disparou a pistola, mas Stone girou para a direita, e a bala passou raspando pelo peito dele. Enquanto completava o giro, ele se aproximou de Pierce e bateu com um dos porretes no flanco deste, usando o outro para golpear o punho do oponente com toda a força. Pierce soltou um palavrão e largou a arma.

Stone tentou acertar os cassetetes na lateral da cabeça de Pierce, mas outro fantasma se colocou entre eles, iniciando uma luta corporal encardida. Stone passou uma rasteira e chutou a arma para longe de Pierce. Ela escorregou para baixo da mesa. Pierce segurou o pé de Stone e puxou, fazendo-o cair de costas e soltar os porretes.

“Chega!”, gritou Pierce para dentro da mente de Stone, tão alto que atravessou os escudos. Tão alto que, por um momento, Stone ficou com a visão turva e desorientado. Quando conseguiu recuperar a vista, viu que Pierce estava com um dos porretes. Estava segurando horizontalmente, com as duas mãos, contra o pescoço de Stone, esmagando a clavícula dele, e com um joelho apertando-lhe dolorosamente o peito.

“O que você quer de mim?”, rosnou Stone.

Pierce aliviou um pouco. “Pare de lutar. Deixe que ajudemos você.”

Stone tentou sorrir, mas só saiu uma tosse rouca. “Por que de repente todo mundo ficou tão interessado em me ajudar? Tem que ter alguma intenção por trás.”

Eles estavam tentando ganhar a confiança dele, então o conhecimento que estava oculto na mente dele tinha que ser dado voluntariamente. Mas o que poderia ser tão importante? Se ele estava carregando informação vital, era segredo até para ele. Era difícil achar respostas sem sequer saber as perguntas certas.

“Eu sei. Todos nós estamos acostumados a ser usados. Não é isso, Stone. Não tem que ser assim.”

Stone bateu até a mão direita agarrar o outro porrete. Ele desferiu um golpe rápido na têmpora de Pierce, forte o suficiente para deixá-lo atordoado e fazê-lo afrouxar a pressão. Então, Stone o empurrou e cambaleou, tentando respirar.

“O que você pretende fazer?”, gritou Pierce, tocando a têmpora e vendo que tinha sangue na ponta dos dedos. Ele limpou a mão na camiseta. “Não tem como você sair dessa nave.”

Quem disse que eu quero sair da nave?, pensou Stone, sem se importar se Pierce estava ouvindo ou não. Se Davis ainda estivesse viva e a bordo, ele poderia resgatá-la e sequestrar o veículo. Se não, bastaria derrubar a *Griffin* — eliminando a ameaça que Nova representava e vingando a morte de Davis. Seria um golpe duro contra a Supremacia e daria ânimo aos Defensores.

Mas aí Stone hesitou. Ele não sabia mais nem para quem trabalhava, nem por quê. Se a notícia fosse verdadeira... se Davis realmente estivesse morta e os Defensores quase derrotados, então ele estava livre. E, se Pierce estivesse certo — isto é, se ele fosse um

agente da Supremacia que agora estava numa nave independente —, ele também estava livre. Pelo que ele continuava lutando?

Pierce investiu de novo com o cassetete. Instintivamente, Stone bloqueou o golpe. Ele dançou ao redor de Pierce, usando padrões do treino de *kendo* da academia.

Sobrevivência. Essa era a única coisa pela qual valia a pena lutar agora. Se, no processo, ele conseguisse descobrir a verdade, melhor ainda.

Stone deu uma voadora, derrubando Pierce para o lado, mas este usou o porrete para bater nele duas vezes, uma no joelho e outra nas costas, fazendo Stone cair... para valer desta vez. Ele se levantou rápido, fazendo caretas por conta da dor, e eles continuaram. Prosseguiram trocando golpes. Atacando, bloqueando, estocando, de igual para igual.

Stone podia até ser melhor lutador do que Pierce pelo nível de IP, mas ainda estava se recuperando dos ferimentos e lidando com uma memória fragmentada.

Era um impasse. Eles andaram em círculos, em cantos opostos do cômodo, esperando uma abertura. Aquela sala desprovida de acessórios não oferecia cobertura nem vantagem. Eram só dois homens, assassinos psiônicos altamente treinados.

Dois homens... e uma arma.

Pierce deixou cair os ombros. “Eu ferrei tudo. Eu disse a Nova que conseguiria falar com você. Eu achei que poderia ajudar você a voltar a si”, disse, colocando a mão no comunicador na cintura em seguida.

“Espere...”, disse Stone.

“Reigel”, disse Pierce pelo comunicador. “Não adianta. Nova vai ter que...”

Stone mergulhou na direção da pistola sob a mesa e apontou para Pierce. O dedo estava retesado contra o gatilho. Pierce cravou os olhos nele por um instante.

“Você não vai atirar em mim”, pensou Pierce.

“Saia da minha cabeça!”, disse Stone mentalmente enquanto projetava a imagem de uma bala perfurando o crânio de Pierce e ao mesmo tempo atirando acima da cabeça dele. Pierce se abaixou e rolou de lado enquanto Stone corria para a porta.

Pierce tinha deixado destrancada enquanto estava no quarto. *Não se faz esse tipo de coisa enquanto se fala com um prisioneiro perigoso*, refletiu Stone. Mas não havia tempo para pensar nisso agora. Botas pesadas corriam na direção dele, vindo pela direita. Ele bateu com a mão na placa de acesso, e a porta se fechou. Stone ainda viu de relance que Pierce vinha correndo, então disparou no painel para travar a porta e seguiu na direção oposta às forças de segurança. O som abafado das batidas de Pierce na porta ecoavam atrás dele.

#

Num cômodo fechado, sem armas nem traje, não havia muito que Stone pudesse fazer. Mas, solto numa nave espacial, com pontos cegos, becos escuros, portas entreabertas, painéis de acesso e conduítes, ele ficava muito mais à vontade. Um fantasma poderia se movimentar sem ser detectado ou atrapalhado, mesmo sem tecnologia de camuflagem.

A despeito do fato de toda a tripulação estar alerta por Stone estar livre e armado, ele não teve dificuldade em passar despercebido e, quando necessário, neutralizar um ou outro. Logo ficou claro que a maior parte dos tripulantes não tinha experiência em combate ou nunca teve que usar o treinamento numa situação real. Com algum esforço, Stone já tinha arranjado uma segunda arma, um uniforme e um comunicador. Ele até poderia usá-lo para monitorar os contatos da tripulação, mas com isso sacrificaria a furtividade, talvez até fosse rastreado.

Stone seguiu um engenheiro jovem e nervoso que passava apressado no corredor. Igualou os passos aos dele, mas com um passadas bem mais largas para chegar perto mais rápido. Ele já estava quase pegando a presa quando o pobre tripulante subitamente se virou. Ao ver Stone, ele ensaiou abrir a boca... mas Stone puxou o ombro esquerdo dele e tapou-lhe a boca com a mão direita, pressionando-o contra a parede. O engenheiro soltou um grunhido abafado e estremeceu.

“Ah, desculpa, doeu?”, perguntou Stone. “Conte tudo que eu quero saber, senão vai doer bem mais.”

O rapaz esbugalhou os olhos e assentiu com a cabeça.

“Certo”, aprovou Stone e o puxou para um laboratório hidropônico que estava vazio. Ele soltou o sujeito e cruzou os braços. Não precisou nem puxar a pistola: o rapaz sabia que não tinha a menor chance.

“Agora, fale. Que nave é essa?”, perguntou Stone.

“A *Griffin*.” O engenheiro tossiu, esfregando a garganta.

“Quem é o comandante?”

“Nova Terra.”

Stone ergueu a sobrancelha. Batia com a história de Pierce. E, como o engenheiro não era telepata, a mente dele era um livro aberto. Ele estava dizendo a verdade.

Mas não fazia sentido. Por que Valerian daria a Nova uma nave só para ela e permitiria que ela operasse à revelia da Supremacia? Ela seria muito útil à Supremacia. Era a melhor fantasma que o programa tinha produzido, depois de Sarah Kerrigan.

Valerian não deixaria um recurso tão importante escapar tão fácil, mas talvez ele tenha calculado que seria melhor conceder a ela certa liberdade e criar uma dívida para

com ele e sua causa. Muito provavelmente, Nova ainda estava sendo usada por ele, quer admitisse ou não.

“E onde Nova está agora?”, perguntou Stone.

“Não sei. Provavelmente na ponte. Ou no quarto dela.”

“E a General Davis?”

O rapaz olhou para Stone com incredulidade.

“*Carolina Davis*”, insistiu Stone. “Onde prenderam ela?”

“Davis está morta. Está em todo o noticiário.”

Mais uma vez, não havia engodo nas palavras dele, embora talvez ele só acreditasse que estava dizendo a verdade.

Stone se conteve. Não tinha emoções fortes em relação a Davis, exceto um leve ressentimento inconsciente. O sentimento não seria diferente se ele realmente fosse leal à causa dela? Ele estava acostumado a controlar as emoções, a não se deixar dominar por elas, porém ele ainda sentia *alguma coisa*. Mas... naquele momento? Nada.

De repente, Stone *sentiu* uma coisa, mas vinha de fora: outra presença psiônica. Ele impediu o acesso aos seus pensamentos, mas sentiu que estavam forçando sua mente e reconheceu quem era: Delta.

O nível de IP dela era 7, assim como o de Stone, mas ela era um pouco mais poderosa. Era uma das poucas fantasmas que tinham habilidades telecinéticas. Se continuasse forçando, ela acabaria conseguindo romper o escudo de Stone. Mas, em vez disso, ela recuou.

Foi então que ele se deu conta do seu erro.

O engenheiro tinha um índice de psi baixo, então não tinha como bloquear um telepata. Naquele exato momento, ele estava pensando em Stone — e provavelmente passando a localização deles sem sequer perceber.

“Droga”, soltou Stone, resistindo à tentação de atirar no engenheiro para romper a ligação psíquica e se contentando em nocauteá-lo. Sentiu uma pontinha de pena do rapaz, mas não podia processar tudo aquilo agora.

Stone ligou o comunicador roubado e ouviu a voz de Reigel. “... localizado. Preparar para desligamento do suporte à vida e descompressão no Deque 3 em três minutos.”

Stone largou o engenheiro e olhou em volta. Então eles estavam no Deque 3. E claramente estavam pensando em jogá-lo no espaço. Ele precisaria de um traje espacial ou teria que ir para outro deque. Aquele cara poderia dizer aonde ir... se não tivesse sido nocauteado. E, caso Stone o deixasse ali, ele ficaria sem oxigênio.

Stone olhou para o engenheiro desacordado e suspirou. Em seguida, ajoelhou-se e colocou o rapaz sobre os ombros.

As luzes vermelhas do corredor estavam piscando agora, e uma voz suave de computador contava: “*Dois minutos para a descompressão*”.

Stone sabia que, carregando o engenheiro, chamaria ainda mais atenção do que antes. Ele tentou ficar nas sombras. Felizmente, a tripulação estava ocupada tentando evacuar a área e não notou a presença dele. Andando apressadamente pelo corredor na direção oposta à das outras pessoas, ele finalmente encontrou uma escotilha no deque. Havia uma escada... para baixo.

“*Um minuto para a descompressão.*”

Para confrontar Nova, ele teria que dar um jeito de subir até a ponte, no deque principal — mas era justamente para onde o resto da tripulação estava indo. Stone imaginou que os módulos ficavam abaixo. Essa provavelmente era a melhor opção de fuga.

“Fica para outro dia, Nova”, murmurou Stone.

Ele largou o tripulante e começou a girar a trava para destrancar a escotilha. Stone tomou novamente o rapaz desmaiado nos ombros e começou a descer os degraus estreitos com dificuldade, preparando-se para uma luta mais embaixo. Mas o corredor do Deque 4 estava vazio, com as mesmas luzes vermelhas do andar de cima.

“Trinta segundos... vinte e nove... vinte e oito...”

Ele colocou o engenheiro no chão, com mais cuidado desta vez, e subiu novamente a escada, às pressas. Ele fechou a escotilha e se certificou de que a trava estava firme.

A voz de Reigel soou no comunicador. “Preparar para desligamento do suporte à vida e descompressão nos Deques 2 e 4.”

“Cacete!”, bradou. Eles não estavam para brincadeira. Tinham encurralado Stone no andar mais baixo da nave, e não havia como ele subir três andares para chegar a um lugar seguro, ainda mais com o Recruta Peso Morto nas costas. Talvez houvesse uma sala onde pudesse se isolar naquele andar, ainda que isso implicasse esperar que viessem pegá-lo.

“Três minutos para a descompressão.”

Ele conferiu a placa ao lado da escada e sentiu esperança. Ainda havia uma chance, e ele tinha certeza de que eles se arrependeriam de tê-lo mandado para lá.

A área dos módulos realmente ficava na ponta do deque que dava para a popa, mas o arsenal ficava mais adiante, mais perto dele.

Ele ergueu de novo o engenheiro — que parecia ainda mais pesado — e seguiu as setas que indicavam o arsenal. Pelo menos, o rapaz provou que valia seu peso em ouro, porque a digital dele abriu a porta.

Stone já tinha entrado em dezenas de arsenais de naves e em mais outras dezenas que ele não lembrava, provavelmente. Ele sabia onde os trajes costumavam ficar e ficou surpreso de ver o próprio equipamento dele lá — todo consertado. A cabeça dele ficou martelando isso: *por que consertar o equipamento dele ali se a intenção era entregá-lo à Supremacia?*

“Dois minutos para a descompressão.”

O computador fez com que ele despertasse das elucubrações. Não havia tempo para questionar.

Ele rapidamente vestiu o traje e colocou o capacete. Abriu um sorriso. *Agora se sentia inteiro.* Desde que acordou na nave, ele estava incomodado, e agora sabia que não era somente por causa da memória conflituosa e da dificuldade de saber em que acreditar. O traje era especial por um motivo: não só vestia como se fosse uma segunda pele, mas parecia uma extensão do usuário. O traje lhe permitia concentrar energia psiônica e aprimorar sua força física, mas não só: o traje era a coisa mais próxima de um lar que os fantasmas tinham.

Os terranos psiônicos eram temidos, caçados e discriminados. Com todos os seus defeitos e sua ética questionável, o Programa de Fantasmas lhes deu um lar, um propósito. Aceitou todos do jeito que eram, aceitou o que sabiam fazer. Transformou um conjunto de capacidades difíceis de controlar em talentos valiosos que faziam a diferença.

Sem o programa, Stone teria vivido nas sombras. No programa, andar nas sombras não era uma necessidade, mas uma habilidade.

E ele fazia mais do que sobreviver. Sob o comando adequado, ele ajudava outras pessoas. A vida dele tinha valor.

Agora ele sentia que tinha voltado à sua força total, canalizando a energia psiônica para aumentar seu poder e aprimorar suas defesas. A sensação era de que ele podia encarar qualquer coisa. Certamente poderia suportar a descompressão e poderia respirar por um curto período de tempo sem o oxigênio da nave.

“Sessenta segundos para a descompressão.”

Em seguida, ele pegou uma roupa espacial comum e colocou o engenheiro nela. Stone já estava se movimentando com mais rapidez e confiança do que antes. Ele acoplou o capacete na roupa do rapaz e a selou justo quando a contagem chegava a zero.

“Três... dois... um.” Stone se segurou para aguentar o empuxo do ar saindo para o espaço.

Nada aconteceu.

Ele tirou a luva do engenheiro e pressionou a mão dele contra o console do arsenal, desbloqueando o acesso ao computador. Todos os deques apareciam em verde, operando normalmente.

Ou eles tinham abortado a operação, talvez para salvar membros da tripulação, ou tinha sido um blefe. Mas por quê?

Eles queriam que Stone se deslocasse, ficasse exposto. Mas ele acabou ali e agora tinha recuperado seu traje.

Stone se lembrou da velha piada: o que é um fantasma sem traje?

Um morto.

Um fantasma armado até os dentes e com armadura era muito mais difícil de pegar. Então, se você está tentando capturar um deles, é melhor mantê-lo longe do traje.

Stone deixou o engenheiro desacordado dentro da roupa, no arsenal, só para garantir, e ativou a camuflagem. Saiu discretamente para o corredor, pretendendo seguir para o convés dos módulos do outro lado do deque, mas percebeu imediatamente que havia algo errado. No entanto, seus varredores não detectaram nada, e suas sondas mentais...

Havia outra presença psiônica, mas sua mente não conseguia focar nela, incapaz de localizá-la ou identificá-la. Até que um fantasma à direita dele desligou a camuflagem.

Agente X10128B. Delta Emblock.

“Oi, Delta”, disse Stone tirando a camuflagem e se virando para ela. As armas dela estavam no coldre. As mãos estavam para cima, mostrando que não tinha má intenção — um paradoxo, considerando que ela própria era uma arma quando estava num traje.

“Stone. Você andou ocupado. Como está?” O escudo dele não resistiria às constantes tentativas de sondagem telepática dela, então ele nem gastou energias nisso.

“Bem melhor agora”, respondeu ele, flexionando o braço. “O que você está aprontando? Por que me guiou até o meu traje?”

“Para podermos conversar.”

“Não entendi”, retrucou Stone. “E não estou interessado no que você tem a dizer. Pierce me contou que você optou por apagar a mente. Não posso confiar muito no seu juízo agora.”

“Você também não pode confiar no seu. Eu estive na mesma situação, Stone. Passamos pela mesma coisa, e só assim eu pude continuar.”

“Por você está aqui? O que quer?”

“Eu pedi que ela viesse.”

Stone rodopiou procurando a voz de Nova. Ele não a via, mas sabia que ela estava perto. A voz entrava direto na mente dele.

“Nova? Onde você está?”

“Só queremos ajudar você, Stone. Você tem uma escolha, como Pierce e Delta tiveram. Como eu tive. Davis apagou nossas mentes. Não jogue essa chance fora. Eu sei que você está com medo...”

“Eu não estou *com medo*”, rebateu Stone.

“Eu estava”, disse Nova. Ela se descamufiou na frente dele. Agora ele estava entre ela e Delta.

Nova deu de ombros. “Para ser sincera, quase todo dia eu tenho medo. Mas eu sigo em frente. Eu bolei um plano e estou dando um passo de cada vez.”

A porta do arsenal se abriu e Pierce saiu, vestindo seu traje.

“Belo truque aquele, Stone”, disse Pierce. “Fico lhe devendo uma.”

Pierce devia ter se teleportado para o arsenal. Agora Stone estava em séria desvantagem e quase cercado. Ele só enxergava uma saída possível.

“É disso que eu estou falando”, retomou Nova. “Você acha que só há uma saída, mas há muito mais possibilidades para você agora.”

“Eu odeio quando você lê minha mente”, disse Stone.

“Eu sei”, responde Nova, sorrindo. “E eu conheço você, Stone. Na verdade, nesse exato momento, eu provavelmente conheço você melhor do que você mesmo.”

“Para que tudo isso?”, perguntou Stone se virando e olhando para Delta, Pierce e de novo para Nova.

“Você precisava de um tempo para organizar sua memória, e sabíamos que você não poderia fazer isso na enfermaria nem trancado num quarto. Você só acredita numa coisa quando descobre por conta própria”, respondeu Nova, pondo a mão no quadril. “Como sempre, você prefere fazer as coisas do jeito mais difícil, e eu respeito isso. Mas essa tendência também pode levar à autodestruição. Acredite em mim.”

“Acreditar em você...”, disse Stone meneando a cabeça. “Então era um teste? Para ver o que eu faria?”

“Eu já sabia o que você faria, mas você ainda precisava fazer mesmo assim. Stone, sendo fantasmas, nós não decidimos nada nas nossas missões, mas você sempre achou uma forma de proteger as pessoas quando podia. E, mesmo nessa situação, em que tinha quase certeza de ser prisioneiro, você não matou Pierce...”

“Na verdade, quase não me machucou”, ironizou Pierce.

“Sei...”, replicou Nova. “E também cuidou de Oslo, mesmo sabendo que isso atrapalharia você.”

“Quem diabos é Oslo?”

O engenheiro apareceu na porta do arsenal com a mão na têmpora, mas sorrindo mansamente. “Sou eu. Eu sou Oslo. Eu estou machucado, mas não morto. Obrigado por isso.”

“De nada...”, respondeu Stone meio confuso.

“Posso ir no médico agora?”, perguntou Oslo. “Eu tenho quase certeza de que sofri uma concussão.”

Stone baixou a cabeça.

“Pierce, leve Oslo para a enfermaria”, disse Nova.

Pierce concordou com um gesto e saiu escutando o engenheiro trêmulo pelo corredor.

“Mas qual a lógica do traje?”, perguntou Stone.

“É para provar que você tem escolha. Se é para ter luta, que seja uma luta justa”, afirmou Nova. “Você merece essa consideração.”

“Duas contra um é justo?”, questionou Stone.

Delta sorriu, sarcástica. “Eu só vim aqui para ver Nova encher você de porrada.”

“Eu agradeço o voto de confiança”, disse Stone. Mas ela não estava errada.

“Eu derrotei você antes, quando estava no auge da forma”, disse Nova.

“E não me matou quando pôde.”

“Você não estava no controle dos seus atos.”

“Pense em tudo que você sabe sobre os Defensores do Homem e a Supremacia”, disse Delta. “Independentemente do que você *acha* que lembra, de que lado você quer ficar? Do lado que usa fantasmas para fazer política, que coloca vidas inocentes em risco para mudar a opinião pública? Ou do lado que está tentando proteger os terranos dos zergs e está dando a todos — inclusive fantasmas — a liberdade de decidir seu destino?”

“Não é possível que você ache que eu sou burro a ponto de acreditar que a Supremacia de repente começou a se importar com fantasmas”, retrucou Stone.

“Talvez não se importe, mas eu me importo”, disse Nova. “E eu não colocaria você em situações erradas.”

“Os *Defensores* estão tentando proteger todos nós dos alienígenas. Ninguém fez mais pela luta contra os zergs e os Tal’darim”, rebateu Stone. Mas as palavras soaram vazias assim que saíram de sua boca.

“Eles usaram zergs selvagens para deslegitimar Valerian!”, bradou Nova. “Eles destruíram Antiga Prime, Tyrador IX... Colocaram outros em perigo só para fingir que eram salvadores e mataram inúmeros civis nisso. Quando descobrimos o que os Defensores do Homem realmente estavam armando, você e eu tentamos detê-los. Porque é isso que *você* faz, Stone: tenta ajudar as pessoas sempre que pode.”

Stone balançou a cabeça. Chegara um ponto em que ele tinha que ficar com a verdade mais provável: a resposta mais simples deveria ser a correta. Se ele aceitasse que tudo isso não era uma conspiração complexa para convencê-lo a desertar dos Defensores do Homem, que Nova estava sendo sincera, então ele teria que acreditar no que ela estava dizendo. Ele tinha que ignorar suas lembranças, com as quais ele já não podia contar, e confiar nos instintos: o que ele estava vendo e ouvindo naquele momento, com as informações que tinha.

Então, considerando tudo isso, ele tinha que aceitar o fato de que era um agente da Supremacia e de que a General Carolina Davis tinha merecido seu fim.

“Nós somos quem escolhemos ser”, falou Nova. “Foi você quem me disse isso. Não foi coisa da programação... veio de *você*. Se você não acredita em mais nada, pelo menos acredite em si mesmo.”

Talvez a verdade não fizesse mais diferença. Não se ele pudesse se safar e construir uma nova realidade para si.

“Está bem”, disse Stone, levantando as mãos. “Estou ouvindo. O que acontece agora? Vão me entregar à Supremacia? Vão me levar de volta para Korhal?”

“Eu não trabalho para a Supremacia. Nenhum de nós trabalha. Não mais. Eu não quero levar você a lugar nenhum, Stone, a não ser que isso seja o que você quer. O que é que *você* quer?”

“Ninguém nunca me perguntou isso”, disse Stone. “Que eu lembre.”

“Bom, é hora de mudar isso.”

#

Stone acordou. Ele estava novamente na enfermaria. Mas, desta vez, sabia exatamente por que estava lá. Ele escolheu isso.

Ele sentou na cama e imediatamente notou uma coisa diferente. Não havia restrição no seu poder psiônico. Ele estava livre.

“Então aconteceu mesmo”, sussurrou Stone.

“O procedimento foi um sucesso”, disse Reigel.

Stone se virou e viu Reigel e Nova chegando perto da cama.

“Tudo bem, Stone?”, indagou Nova.

“Eu nunca senti isso na vida.” Ele sentia claramente a presença dela. Sabia exatamente a localização de Delta e Pierce na nave. Sentia todos os outros terranos a bordo, com seus vários níveis de psi. Era um nível de percepção do ambiente e de si mesmo ao qual nem os sensores do traje se comparavam.

“Eu ainda pensei que poderia acordar reprogramado ou numa cela da Supremacia”, confessou Stone. “Mas vocês estavam falando a verdade.”

Reigel levantou um enredado de circuitos e fios e perguntou: “Quer guardar de lembrança?”

Stone balançou a cabeça — e se arrependeu na mesma hora.

“Maravilha! Então é mais um para minha coleção. Não é sempre que se encontra hardware de fantasma antigo. É uma relíquia fascinante”, concluiu Reigel sorrindo e colocando a aparelhagem no bolso do jaleco. Nova olhou para ele com uma expressão de incômodo.

Ela se aproximou de Stone e perguntou em voz baixa: “Tem certeza disso, Stone?”.

“Meio tarde para dúvidas, não acha? Se eu realmente tenho opção de sair do Programa de Fantasmas, acho que é o melhor para mim.” Delta disse que ele poderia escolher entre a Supremacia e os Defensores do Homem, mas, se era para ser livre de verdade, ele não queria nenhum dos dois. Seria difícil encontrar um novo caminho na vida. Tal como Nova e a tripulação da *Griffin*, ele precisaria fazer aquilo sozinho.

“Não se esqueça de falar com a Supremacia antes”, disse Reigel.

Nova revirou os olhos.

“Para formalizar sua decisão”, prosseguiu Reigel. “Sem o inibidor, todas as suas lembranças devem acabar sendo restauradas.”

Isso era o que mais assustava Stone. Tinha medo de ver os rostos dos que matou, das revelações que acabariam voltando com o tempo. Ainda assim, era melhor poder escolher uma nova vida do que continuar vivendo preso numa série de sonhos dos quais nunca acordava.

E ele queria acordar.

“Sempre vai ter lugar para você aqui”, disse Nova gentilmente. “Sua ajuda seria muito bem-vinda. Alguém tem que manter a ordem e a paz no universo.”

“Tudo que eu fiz na vida foi ser fantasma. Eu preciso ser eu por um tempo. Apesar de que... acho que preciso descobrir quem sou *eu*. Conhecer... a mim mesmo.”

Nova concordou com a cabeça. “Entendo. O que você vai fazer?”

Stone relaxou e sorriu.

“Depois que vocês me deixarem lá, vou fazer o que um fantasma faz de melhor: desaparecer.”

FIM

Autoria: EC Myers

Edição: Chloe Fraboni

Produção: Brianne Messina

Consultoria de história: Madi Buckingham, Sean Copeland

Consultoria criativa: Jeff Chamberlain, Kevin Dong, George Krstic, Ryan Quinn, Ryan

Schutter

Tradução/Revisão: Heber Costa, Mariana Barros

Agradecimentos especiais: Thomas Floeter, Martin Frost, Felice Huang, Chungwoon

Jung, Jaclyn Lo, Alexey Pyatikhatka, YuSian Tan